

A alfabetização e letramento no processo de aprendizagem.

A alfabetização e letramento no processo de aprendizagem

Elâine Pereira de Souza Kazima

Maria de Fátima valeiro

RESUMO

A alfabetização e letramento no processo de aprendizagem

Elâine Pereira de Souza Kazima

Maria de Fátima valeiro

RESUMO

Acredita-se que essa pesquisa tem um papel relevante, pois se trata de um tema atual e presente em todas as reflexões desenvolvidas em torno da alfabetização e no processo de ensino/aprendizagem, o que implica da parte docente uma prática pedagógica que tenha em sua finalidade a formação cidadã plena. No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa busca-se compreender como ou de que forma pode-se alfabetizar letrando. A metodologia utilizada para desenvolvimento dessa pesquisa foi a descritivo-bibliográfica, a qual se fundamenta em teorias de diversos autores, os quais são mencionados por suas relevantes contribuições. Dentre estes citam-se: SOARES (2006); CAGLIARI (1993); FERREIRO (2001); MARTINS (1990); PCN – Língua Portuguesa, entre outros igualmente

pertinentes que são citados durante a referida pesquisa. Nessa perspectiva, portanto, a pesquisa constitui-se em apenas um ensaio, para posteriores reflexões que em sua essência visa sanar e/ou minimizar as inquietações e inseguranças de muitos professores em sua prática educativa em relação ao processo de aquisição da escrita.

Palavras-Chave: Alfabetização. Psicogênese da Escrita. Criança. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida realizar uma abordagem teórica sobre a Alfabetização e Letramento no processo de Aprendizagem da leitura em especial, na aquisição da escrita. Para sua realização são apresentadas algumas concepções que fundamentam esta proposta de estudo no sentido de refletir com mais clareza e precisão o processo de aquisição da escrita da criança nos anos iniciais do ensino fundamental de

nove anos e nesta perspectiva tentar compreender melhor o uso da língua em diferentes contextos sociais e a prática pedagógica no processo de alfabetização e letramento.

Nessa perspectiva a justificativa desse trabalho pauta sobre a alfabetização e letramento como processo de apropriação da escrita e de inserção e participação do sujeito na cultura escrita, ou seja, alfabetizar letrando, cujo desafio consiste em buscar através da coleta de dados informações que consideram esses dois processos como condição essencial para o inicio do processo de alfabetização, a qual contempla uma ação pedagógica adequada e produtiva no processo de ensinar e aprender no âmbito educativo.

Partindo desse pressuposto o objetivo geral deste estudo consiste em analisar e refletir sobre a psicogênese da escrita versando sobre suas hipóteses no processo de aquisição, tendo como suporte algumas concepções teóricas importantes que referenciam a alfabetização e o letramento no processo de formação da criança. E a partir desse objetivo o delineamento dos objetivos específicos, a saber:

- a) Estudar as hipóteses de aquisição da escrita como processo de construção do conhecimento levando em conta dos aspectos cognitivos e/ou construtivista, meios pelos quais a criança figura-se como sujeito ativo da sua própria aprendizagem;
- b) Conhecer e refletir sobre as contribuições da psicogênese da escrita para a criação de contextos de alfabetização e letramento no sentido de entender que o domínio da língua escrita e o seu uso nas práticas sociais é uma condição vital para a vida do sujeito na sociedade letrada;
- c) Buscar compreender formas mais ricas e adequadas para uma ação pedagógica eficaz e que seja capaz de articular a alfabetização e letramento para a aquisição e o uso da escrita no contexto escolar e social.

Primeiro foi feita a escolha do tema, em seguida pesquisas em livros e autores que pudessem fazer parte do corpus deste trabalho. E refletindo sob esse prisma acredita-se ser este estudo de grande importância, pois trará contribuições significativas para a prática pedagógica do professor alfabetizador, bem como da real compreensão das possíveis causas e mesmo dificuldades apresentadas pela criança na aquisição da escrita durante seu processo de aprendizagem.

Tendo em vista alcançar esses objetivos o trabalho monográfico foi organizado em três relevantes partes.

Na primeira parte - aborda algumas concepções que referenciam a alfabetização e letramento no processo de aquisição da escrita.

Na segunda parte - trata da alfabetização e letramento, cujo enfoque paira sobre a alfabetização como processo de construção do conhecimento numa perspectiva construtivista em que a criança é o sujeito da própria aprendizagem.

Na terceira parte - as contribuições da Psicogênese da Escrita para a criação de contextos de alfabetização e letramento, Em sequência as considerações finais e as referências bibliográficas que constituíram o corpus desta pesquisa.

I - CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização e letramento são palavras chave para o mundo social, pois é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito passa a participar diretamente do mundo no exercício de suas funções sociais, buscando tornar-se um cidadão consciente, com domínio do código convencional da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

Soares (1990) em sua concepção de alfabetização, envolvendo ideias construtivistas a respeito da realidade da criança e/ou adulto, seu desenvolvimento pessoal e crescimento como cidadão sintetiza que:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 1990, p.17).

Com ênfase no papel do sujeito na sociedade e em relação ao contexto social do mundo contemporâneo Magda Soares (2004) apresenta o seguinte posicionamento:

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de transito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido (SOARES, 2004, p. 43).

Dessa perspectiva emerge uma decisão pedagógica fundamental. A de aumentar as experiências da criança de modo que ela possa ler e produzir diferentes textos com autonomia. E isso implica da parte da escola uma preocupação mais afinada com o desenvolvimento dos conhecimentos relacionados à aprendizagem da escrita alfabetica. Desde modo torna-se relevante buscar a contribuição teórica de Magda Soares (1998) entre alfabetização e letramento. Em sua concepção o termo Alfabetização corresponde o processo pelo qual o sujeito adquire uma tecnologia - a escrita alfabetica e as habilidades de utilizá-la para ler e escrever. Já o termo Letramento relaciona-se ao exercício efetivo e competente da escrita alfabetica nas situações em que o sujeito precisa ler e escrever e produzir textos reais.

Ainda segundo Soares (1998):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 47).

Nesse entendimento, MORAIS e ALBUQUERQUE (2004) afirmam que para alfabetizar letrando faz-se necessário democratizar a vivencia de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança a ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. Esses autores reportam-se para a escola em sua ação pedagógica no sentido de refletir de modo mais profundo sobre os aspectos constitutivos de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento.

Emilia Ferreiro (2001) em sua concepção de alfabetização se opõe a Magda Soares quando enfatiza que o processo de alfabetização é restrito, refere-se apenas ao aprender/ensinar a ler e escrever, a codificar e decodificar os signos linguísticos. Na sua visão como alfabetizadora o processo de alfabetização e letramento são conceitos que embora distintos constituem-se em elementos complementares.

Para Emilia o termo letramento está intrínseco no processo de alfabetização, uma vez que considera o sujeito social no processo de construção do seu conhecimento. Segundo sua teoria a alfabetização caracteriza-se pela sucessão de etapas cognitivas que, sem a instrução direta vinda dos adultos, elaboradas pelas crianças em processo de construção do conhecimento a partir da interação com o meio social e escolar.

Para Soares ((2004), p.47) a diferença entre letramento e alfabetização pode ser assim explicada:

ü *Alfabetização*: ação de ensinar/aprender a ler e a escrever;

ü *Letramento*: o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Segundo Soares (2004) o processo de alfabetização focado meramente no sistema da escrita alfabética não assegura a criança a apropriação dos usos e funções da língua escrita. Nessa concepção o processo de alfabetização tem apenas relação com a apropriação da escrita. Mas o letramento é mais completo porque estabelece com o processo de alfabetização práticas de leitura e escrita pelo sujeito em seu contexto social, cuja fundamentação teórica metodológica pauta-se na concepção sociointeracionista, em que o processo de ensino-aprendizagem se efetiva por meio das práticas sociais de leitura e escrita.

Soares (2003) sintetiza dizendo que:

Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, e que torna-se relevante a distinção entre eles, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito

de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES, 2003, p. 90 apud COLELLO, 2004).

Nessa concepção alfabetizar letrando significa orientar a criança em seu processo de aquisição do seu ato de ler e de escrever de forma a conduzi-la a uma convivência de práticas reais de leitura e de escrita utilizando os mais diversos gêneros textuais possíveis (livros, revistas, jornais, bulas de remédios, embalagens, etc.), pois estes são materiais de leitura e escrita, bem como levá-la a refletir sobre esses materiais escritos que circulam socialmente e que, se bem trabalhados podem criar um ambiente rico em aprendizagem.

1.1 Alfabetização e Letramento no Processo de Aquisição da Escrita

Tomando os apontamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, - Língua Portuguesa:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997 p.15).

Em sua temática de aquisição da língua oral salienta que embora ainda a criança não saiba ler de forma convencional, ela traz consigo uma bagagem implícita e/u cognitiva que a capacita a utilizar-se de critérios para encontrar as palavras, uma vez que o texto já é de seu domínio oral.

Nesse sentido Soares (2006) pontua que não basta que a criança esteja convivendo com muito material escrito, é preciso orientá-la sistemática progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita. Isso é feito junto com o letramento. Mas, em primeiro lugar, isso não é feito com os textos ‘acartilhados’ – “a vaca voa, Ivo viu”– Mas

com textos reais, como livros, etc. Assim é que se vai, a partir desse material e sobre ele, desenvolver um processo sistemático de aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo sua concepção a criança quando entra na escola já traz uma bagagem do mundo social em que ela já está inserida, e cabe a nós educadores aproveitar esse letramento e buscar que a criança aprenda mais e venha assim estar alfabetizada. A busca da aprendizagem compreensão do que se lê ou escreve é uma das formas de mudar a sociedade em que estamos inseridos, o verdadeiro sentido da aprendizagem, leva o sujeito a pensar, refletir, emocionar e questionar e dessa forma a conhecer o verdadeiro sentido de ser alfabetizado.

De acordo com Batista (2006):

O objetivo da alfabetização vai além da decodificação, pois ler e escrever tem como fim último promover a compreensão: compreender o que se lê; o que se fala; como funciona o mundo. É correto dizer, como sugere a professora Marisa Lajolo, que se deve “partir do mundo da leitura do mundo”, e que não basta decodificar, é preciso compreender o sentido da palavra e do texto no contexto (BATISTA, 2006, p.19).

Assim proposta, a alfabetização direciona a criança a uma caminhada que visualiza o que está ao seu redor no sentido de levá-la a conhecer e compreender o porquê da alfabetização, qual a utilidade da sua escrita, ser questionada sobre o que ela espera da escrita, pois através desse conhecimento a criança pode sentir-se motivada para iniciar o processo da escrita, alcançando as habilidades necessárias para o sem processo de construção do conhecimento.

Martins (1990) em sua linha de raciocínio também evidencia que a criança aprende a escrever a partir do que se lê. Descreve ainda que muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista, enquanto que para a maioria dos educandos, aprender a ler e escrever se resume na descoberta de signos linguísticos, não dando sentido verdadeiro a essas práticas.

Macedo e Freire (1990) abordam o processo de alfabetização apresentando duas importantes dimensões:

As duas dimensões da alfabetização: a) a alfabetização do aluno deve iniciar-se com experiências e a cultura de seu meio b) depois apropriar-se dos códigos e culturas dominantes. Ambas, subjetividade e objetividade não podem ser separadas. Por isso é que Freire diz que é impossível levar avante um trabalho de alfabetização, separando completamente a leitura da palavra do mundo. Por isso, a escola deve fazer diferente do que faz e deixar de reprimir o aluno, mas deixá-lo aflorar sua subjetividade, sua criatividade e enfatiza que uma pedagogia crítica não deve reprimir a criatividade do aluno (a expressão à criatividade vem sendo uma verdade no correr de toda a história da educação). A

criatividade precisa ser estimulada, não só no nível de sua individualidade, mas também no contexto social. Em vez de sufocar esse ímpeto de curiosidade, os educadores deveriam estimular ou arriscar-se, sem o qual não existe criatividade. Em vez de reforçar as repetições puramente mecânicas de frases e listas de fatos ou acontecimentos, os educadores deveriam estimular os alunos a duvidar. (FREIRE; MACEDO, 1990, p.38-39).

Na opinião desses autores a tarefa do professor alfabetizador é propiciar a criança a oportunidade de vivenciar experiências no seu processo de construção do conhecimento e que cabe aos educadores dar oportunidades a criança perceber sua realidade a base para iniciar o processo de alfabetização, o que inclui a linguagem, sem discriminação de certo/errado.

De acordo com o PCN-Língua Português (1997) é condição necessária a todo o ser humano, para se chegar à possibilidade de plena participação social, o domínio da língua, já que é por meio dela que se pode ter o acesso à informação, obter conhecimentos, construir visões de mundo, posicionar-se, enfim, fazer parte do mundo e exercer de forma ativa a sua cidadania, é, portanto, responsabilidade da escola, ensinar e garantir o acesso aos conhecimentos que se fazem necessário para que de fasto seja estabelecido o a formação do cidadão pleno.

A criança desde muito cedo já convive com a linguagem oral e escrita. Ela observa palavras escritas em diferentes suportes como placas, outdoors, rótulos de embalagens, escutam histórias e nessas experiências culturais com práticas de leitura e escrita a criança vai se constituindo como sujeito letrado.

Como bem cita Morais e Albuquerque (2004) que:

As crianças vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir, ter sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades (PCN- Língua Portuguesa, 1997, apud Ensino Fundamental de Nove anos, 2007, p.70)

Dessa perspectiva emerge uma decisão pedagógica fundamental. A de aumentar as experiências da criança de modo que ela possa ler e produzir diferentes textos com autonomia. Nesse entendimento, Morais e Albuquerque (2004) afirmam que para alfabetizar letrando faz-se necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança a ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. Esses autores reportam-se para a escola em sua ação pedagógica no sentido de refletir de modo mais profundo sobre os aspectos constitutivos de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento.

1.2 Alfabetização e Letramento no Processo de Aprendizagem

Em se tratando do processo de ensino-aprendizagem torna-se relevante mencionar a dimensão pedagógica do processo de alfabetização. E sobre esse assunto Emilia Ferreiro (2001) afirma que:

Na prática pedagógica nada é imutável, fechado e dependente do modo de conceber o processo de aprendizagem. As mudanças necessárias para a alfabetização inicial não se resolve com um novo método, novos teste e materiais didáticos. Na realidade, o professor precisa mudar essa imagem em relação à escrita e à criança. A escrita é uma representação da linguagem e a criança não é: “um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega, um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons”. Para a autora, a criança é um sujeito “que pensa; que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu”. (FERRREIRO, 2001, P.40).

Para a autora a criança é um ser real, que possui acertos e erros, aprendizagens e dificuldades, e cabe ao educador buscar compreender as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, superando cada um deles.

Cagliari (1993) enfatiza que a alfabetização era tida como a aprendizagem da leitura e da escrita. Porém, o conceito é muito mais amplo, e deve chegar também à compreensão do que se lê ou escreve. Para ele a alfabetização vai além de ler e escrever, ela nos leva a compreensão da sociedade, passando a usar essa prática na nossa realidade, ou seja, ser alfabetizado significa distinguir, decifrar os símbolos e ser capaz de escrevê-los, buscando a interação entre o meio social inserido.

Esse autor salienta ainda que faz-se necessário uma busca pelo conhecimento da parte do professor visando como a criança se envolve com a sociedade, pois é através dessa interação que a criança começa a ver o mundo que rodeia; no meio letrado em que esta inserida, como: os avisos, placas, outdoors, entre outros, ou seja, folheiam livros, fingem lê-los, brincam de escrever, ouvem histórias lidas pela família ou pelo professor, percebendo seus usos e funções, crianças que são ainda não são alfabetizadas, mas de uma forma estão inseridas no contexto letramento.

De acordo com Saltini (1997) é preciso que:

[...] encorajar a criança a descobrir e inventar, sem ensinar ou dar conceitos prontos. A resposta pronta só deve ser dada quando a pergunta da criança focaliza um ato social arbitrário (funções do objeto cotidiano). Manter-se atento à série de descobertas que as crianças vão fazendo, dando-lhes o máximo de possibilidades para isso. Dar atenção a cada uma delas, encorajando-as a construir e a se conhecer. Dar maior incentivo à pergunta que à resposta. Sempre buscando no grupo a resposta o professor procurará sistematizar e coordenar as ideias emergentes. A relação que se estabelece com o grupo como um todo e a pessoal com cada criança é diferenciada em todos os seus aspectos quantitativos e cognitivos respeitando-se a maturidade de seu pensamento e a individualidade. [...] (SALTINI, 1997, p.90)

Nessa concepção pode-se perceber que a criança precisa ser estimulada a vivenciar de forma prática o seu processo de construção do conhecimento, tendo o professor em sua prática educativa proposições de questões problematizadoras, bem como respeitar os conhecimentos cognitivo da criança, o seu processo de maturação, a sua individualidade e o seu processo de aprender.

Fica, portanto, evidenciado por estudiosos, pesquisadores e especialistas, a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo no processo ensino-aprendizagem, levando em conta que a criança é diferente, cognitiva e afetivamente falando, em cada fase do seu desenvolvimento.

II ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Numa concepção construtivista do processo de alfabetização as práticas devem ser fundamentadas nas dimensões da aprendizagem significativa e nas interações, uma vez que a alfabetização e letramento são componentes complementares e essenciais no processo de construção do conhecimento, pois as crianças vivem numa sociedade letrada, que convivem desde cedo com os variados tipos de manifestações escritas no contexto social. Portanto, alfabetizar letrando significa proporcionar a criança à oportunidade de conhecer e adquirir momentos de interações ricas para o seu processo de aquisição da escrita, bem como sua integração social em que a língua escrita se faz presente.

De acordo com o texto expresso no fascículo 5 (cinco) do Pró-Letramento (2008) alfabetizar letrando significa que:

Ao mesmo tempo em que a criança se familiariza com o sistema de escrita alfabética, para que ela venha compreendê-lo e a usá-lo com desenvoltura, ela já participa, na escola, de práticas de leitura e escrita, ou seja, ainda começando a ser alfabetizada, ela já pode (e deve!) ler e escrever, mesmo que não domine as particularidades de funcionamento da escrita. Não se pretende mais que o aluno primeiro se alfabetize e, só depois de “pronto”, possa usar a escrita para ler e escrever, seja em tentativas iniciais, em que elabora e reelabora hipóteses sobre a organização do sistema de escrita alfabética, seja convencionalmente. Na verdade, hoje se espera que os dois processos ocorram simultânea e complementarmente (Pro-Letramento, Fascículo 5, 2008, p.6).

Nessa perspectiva o ensino da escrita deve ser feito de forma conjunta entre os processos de letramento e alfabetização, visto que os conhecimentos e habilidades a serem adquiridas são fatores e condições elementares a sua integração com o mundo letrado, uma vez que a escrita figura-se num mundo como uma atividade social.

Sobre esse aspecto Magda Soares (2003) pontua que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita. A entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividade de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonemagrafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2003, p. 15).

Soares evidencia que mesmo a criança e/ou adulto sendo analfabetos, são parte de um contexto social, expresso por toda parte os mais diversos tipos de escritas e que mesmo sem ser alfabetizados já possui um certo grau de letramento. Sendo a alfabetização e letramento palavras chave do mundo social, implica numa participação direta da criança no exercício de suas funções sociais, pois é através do seu envolvimento com a sociedade letrada, que a criança terá a oportunidade de ver e ser no mundo que a rodeia e adquira de fato e domínio do código convencional da escrita em suas práticas sociais.

Em relação ao material escrito presente no cotidiano da criança Soares (2006) faz uma colocação bem pertinente de que é preciso orientá-la de forma sistemática e progressivamente para que possa apropriar do sistema de escrita. E no processo de alfabetização e letramento deve partir de textos reais, com livros, etc. e consequentemente, a partir desse material e sobre ele, desenvolver um processo sistemático de aprendizagem: da escrita e da leitura compreendendo o porquê da alfabetização, bem como sua real finalidade para uma vida enquanto sujeito ativo da sociedade letrada.

III – A PSICOGÊNESE DA ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A aquisição não sendo uma atividade solitária e individual, sugere uma reflexão teórica que visa uma prática que considera a criança desde o início de sua escolaridade como um sujeito ativo no seu processo de construção do conhecimento. Nesse sentido sua participação ativa no seu processo de construção da escrita implica no contato da criança com diferentes tipos de textos, leituras de histórias compartilhadas cotidianamente, contatos diretos com livros, jornais, embalagens entre outros textos que circulam socialmente. Dessa forma irá perceber as diferenças que existem entre o que é falado e escrito.

Diante do exposto pode-se dizer que a escrita não é um mero produto escolar, mas também um produto cultural e como tal cumpre diversas funções e por meio concreto está estampada nos meios urbanos, no convívio familiar, no ambiente alfabetizador e nos mais variados contextos e num longo processo construtivo a criança se apropria do sistema simbólico da escrita.

De acordo com pesquisas na área de alfabetização tem-se nos dias atuais uma linha conceitual que procura explicar como de fato a criança aprende. E para melhor compreensão tem-se a Psicogênese da Língua Escrita, reportada por Emilia Ferreiro & Ana Teberosky (1986), as quais evidenciam o processo de aquisição da escrita segundo a evolução da escrita através das hipóteses. Em suas pesquisas a criança constrói o seu conhecimento a partir das aprendizagens prévias que lhe permita refletir sobre a língua.

Azenha (2002, p.35-38) em seu livro “Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro”, faz uma abordagem bem relevante ao processo de alfabetização afirmando que o objetivo das investigações de Ferreiro para o ensino da leitura e da escrita é demonstrar como são os processos existentes nos sujeitos desta aquisição, a qual aborda que no processo de alfabetização a criança interpreta o ensino que recebe, transformando a escrita convencional dos adultos. Assim, produz escritas diferentes e estranhas. Isso fica claro quando Ferreiro toma como exemplo prático a palavra GATO, em que a criança escreve GO, AO ou GT. Nesse momento, o que a autora tenta é desvendar é que as transformações

da escrita e a lógica empregada pela criança é fruto da aplicação de esquemas de assimilação (Piagetiana) ao objeto de aprendizagem (a escrita), formas de utilizadas pelo sujeito para interpretar e compreender o objeto. As escritas como GO, AO ou GT para GATO – constitui-se numa nova forma de olhar para o desempenho da escrita infantil.

Para Ferreiro & Teberosky (1986) a interpretação do acesso ao conhecimento da escrita se efetiva por meio de um processo evolutivo ao longo do seu desenvolvimento infantil. Em nota preliminar de suas pesquisas declaram que:

[...] pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida com questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos, que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... Insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um [...] (FERREIRO & TEBEROSKY, 1986, p. 11).

Nesse contexto de reflexão, as autoras buscam um conjunto de postulados que informam o seu olhar sobre os dados que sustentam sua interpretação teórica sobre o sujeito da aprendizagem e sobre o objeto a ser conhecido que é a escrita.

REFERÊNCIAS bIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, João. **ABC do Alfabetizador.** 4ed. Belo Horizonte: Editora Alfa Educativa, 2006.

BRASIL, Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** 6ed. São Paulo: Scipione, 1993.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização** tradução Horácio Gonzáles et.al.24ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ Alfabetização em processo.São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**, em três artigos que se completam. 22ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização leitura do mundo, leitura da palavra**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MOREIRA, Maria Teresa Marques. **Afetividade**. Disponível em: http://www.bolsa.de_mulher.com.br. Acessado em: 10 maio. 2011.

MORAIS, A. G. e ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T> F. Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SALTINI, Cláudio. J. P. **Afetividade & inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997. P.90.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. 2. ed. 8. reimpr. ____ Belo Horizonte: Autêntica 2004.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização.** Disponível
em:<http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares.Acesso> em: 6 maio. 2011.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____ **Letramento: um tema em três** gêneros / Magda Soares. 2. ed. 8. reimpr. ____ Belo
Horizonte: Autêntica 2004.